

REBES REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E SAÚDE

ISSN - 2358-2391



GVAAG - GRUPO VERDE DE AGROECOLOGIA E ABELHAS - POMBAL - PB

Artigo de Revisão

Os contos de fadas como instrumento para a formação de leitores na educação infantil

Ivanaldo Oliveira Santos

Filósofo, pós-doutor em Estudos da Linguagem pela USP, doutor em Estudos da Linguagem pela UFRN, professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)
E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br

Miriam Firmino Silva Paiva

Professora, licenciada em Letras Vernáculas e Respectivas Literaturas pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), Especialista em Leitura e Literatura pela Universidade Potiguar (UnP) e em Literatura e Ensino pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN)
E-mail: copaclinica@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem por objetivo discutir, de forma introdutória, a importância da leitura de contos de fadas para crianças ainda no processo de alfabetização. Para alcançar esse objetivo foram utilizados, dentre outros, os seguintes referenciais teóricos: Aguiar (1990), Abramovich (1993), Bettelheim (1980), Piaget e Barbel (2003), Gutfreind (2004), Laplanche (2001), Novaes (1987), Cândido (1980), Sousa, França e Barreto (2010), Freire (1996), Coelho (1980) e Alves (2004). O artigo encontra-se dividido em duas partes, sendo elas: A importância da prática da leitura de contos de fadas nos anos iniciais; Os desafios do docente no desenvolvimento da leitura de contos de fadas em sala de aula. Por fim, afirma-se que Resgatar a tradição de contar histórias, mais uma vez, é uma janela que se abre para despertar o gosto pela leitura nas crianças. Ela nos leva a conhecer os mundos simbólicos existentes no ser humano e na dimensão sociocultural.

Palavras-chaves: Conto de Fada. Leitor. Educação Infantil.

Fairy tales as means for educating readers in early childhood education

Abstract: This article aims at discussing, in an introductory way, the importance of reading fairy tales for children still in the literacy process. In order to attain such an objective were used, among others, the following theoretical references: Aguiar (1990), Abramovich (1993), Bettelheim (1980), Piaget and Barbel (2003), Gutfreind (2004), Laplanche (2001), Novaes (1987), Cândido (1980), Sousa, França and Barreto (2010), Freire (1996), Coelho (1980) and Alves (2004). The article is divided into two parts, namely: The importance of the practice of reading fairy tales in the early years; The challenges of teaching in the development of reading fairy tales in classroom. Finally, we affirmed that rescue the storytelling tradition, once again, is a way that opens to develop a taste for reading in children. It leads us to know the symbolic worlds existing in human and socio cultural dimension.

Keywords: Fairy Tale. Reader. Early Childhood Education.

1 Introdução

Um tema que tem ganhado força dentro dos estudos da teoria literária e da relação entre literatura e educação é o ensino da literatura. Desde as clássicas pesquisas desenvolvidas por Rocco (1981) e Lajolo (1982); passando por pesquisas contemporâneas realizadas, dentre outros nomes, por Cereja (2012), Leahy-Dios (2004), Magnani (2001), Zilberman (1991),

Zilberman e Theodoro (1990), que o tema do ensino da literatura está presente.

É um tema que pode ser classificado de novo dentro das teorias e das preocupações literárias. No entanto, é um tema que suscita amplo debate e, muitas vezes, ferrenhas controvérsias. Dentro das preocupações existentes na área do ensino da literatura encontra-se o ensino dos contos de fadas. Essa preocupação manifesta-se com a clássica pesquisa, cujo título é A linguagem esquecida: uma introdução ao entendimento dos sonhos,

contos de fadas e mitos (FROMM, 1983), publicada originalmente em 1966, por Erik Fromm; e avança, na sociedade contemporânea, com as pesquisas desenvolvidas, entre outros nomes, por Bettelheim (1980), Warne (1999) e Cashdan (2000). Realizar uma exaustiva pesquisa sobre o ensino de literatura e especificamente sobre o ensino dos contos de fadas é algo praticamente impossível. Por isso, optou-se em se discutir os contos de fadas numa perspectiva muito específica, isto é, os contos de fadas como instrumento de formação de leitores na educação infantil.

O artigo em tela aborda o papel dos contos de fadas no desenvolvimento das competências leitoras das crianças. Em grande medida, vivemos em um período muito crítico com relação ao hábito da leitura. Essa realidade na sala de aula tem sido um dos grandes desafios para os docentes nos dias atuais. Nesse sentido, é importante que se refletir - e até mesmo se disponibilizar - espaços de leitura na educação infantil que promovam a imaginação e a criatividade das crianças.

O mundo do conto maravilhoso ou do conto de fadas deve ser diariamente resgatado no âmbito da educação infantil, pois, a criança que ouve esse tipo de narrativa consegue manter o sentimento de fantasia e aventura vivo por muito mais tempo em sua imaginação como ainda nos mostra Abramovich (1993, p 120):

Aventurar-se no “outro mundo”, penetrar em castelos guardados por monstros ou por demônios, descer aos infernos, buscar a chave da imortalidade, triunfar sobre o caos são momentos alegóricos da passagem iniciática nos quais o herói, representa a alma perdida na terra a lutar contra poderes inferiores de sua própria natureza e do mundo que o rodeia [...]. Essa batalha espiritual sempre se desenrola com a presença ativa de aliados e antagonistas. Aparecem então os “auxiliares mágicos” - fadas, duendes, animais “favoráveis” - e, do mesmo modo, aqueles que obstruem e se opõem a essa batalha: ogros, monstros, fadas malignas.

É diante desse ambiente que oscila entre o lúdico e o ensino da literatura e especificamente dos contos de fadas que o presente artigo tem por objetivo discutir, de forma introdutória, a importância da leitura (contação) de contos de fadas para crianças ainda no processo de alfabetização.

Por leitura deve-se entender o processo de contação, ou seja, contar e recontar as histórias presentes nos contos de fadas para a criança. Em grande medida, esse processo visa garantir a formação de leitores de forma significativa, as ações que visem a essa meta não de se estabelecer numa base motriz, ou seja, iniciar o processo de contação já nos primeiros momentos que a criança tem contato com o ambiente escolar.

A formação do leitor deve ser constituída ainda nos anos iniciais de vida escolar da criança. Além disso, deve, em tese, contribuir para a formação da memória literária e da memória sociocultural do indivíduo adulto.

Para alcançar esse objetivo foram utilizados os seguintes referenciais teóricos: Aguiar (1990), Abramovich (1993), Bettelheim (1980), Piaget e Barbel (2003), Gutfreind (2004), Laplanche (2001), Novaes (1987), Cândido (1980), Sousa, França e Barreto (2010), Freire (1996), Coelho (1980) e Alves (2004) que proporcionará um conhecimento maior sobre o tema proposto.

2 Revisão de Literatura

2.1 A importância da prática da leitura de contos de fadas nos anos iniciais

A temática dos contos de fadas, além de seduzir a atenção das crianças, quando bem trabalhado pode revelar, também, a natureza educativa e formativa. Os textos através de narrativas mágicas, lúdicas e maravilhosas podem levar às crianças a despertar, por exemplo, para os valores éticos, culturais e religiosos contidos nesse gênero textual. E em meio a esse universo, o docente pode planejar várias atividades que envolvam a leitura.

Na concepção de Bettelheim (1980, p. 16):

Os contos de fada têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir por si só. Ainda mais importante: a forma e a estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida.

Para tanto, abordam-se temas como: coragem, obediência, medo, valentia, vingança, perdão, amor materno, amor paterno, amor ao próximo, saudade, tristeza, alegria, gratidão, orgulho, castigo, carinho, curiosidade, fraternidade, bondade, morte, caridade, gula, humildade, inocência, ira, amizade, honestidade, estudo, cuidados com os animais e com a natureza.

Nessa perspectiva, de acordo com Piaget e Barbel (2003), as crianças adquirem valores morais não só por internalizá-los ou observá-los de fora, mas por construí-los interiormente através da interação com o meio em que se está inserido. Nesta fase, ouvir histórias, incluindo os contos de fadas, entre outras atividades, é possibilidade real de desenvolvimento e aprendizagem.

Assim, salienta-se que a arte de contar histórias é um importante instrumento no processo educativo, pois possibilita ao educador a criação de estratégias lúdicas que podem, dentre outras coisas, contribuir para uma maior aprendizagem das crianças. Na prática, a contação de contos de fadas é um dos elementos de destaque na literatura destinada às crianças, pois é através do prazer ou das emoções que as histórias lhes proporcionam e o simbolismo que está implícito nas tramas e personagens, muitas vezes, ajudam as crianças a desenvolverem o universo psicológico e a consciência sociocultural.

É interessante observar que o conteúdo latente de uma obra literária é a fantasia, o que lhe garante um longo alcance no universo simbólico. A fantasia pode ser

considerada o organizador inconsciente da leitura de contos de fadas.

Sobre essa questão, Laplanche (2001, p.169) esclarece: “a fantasia é um roteiro imaginário em que o sujeito está presente e que representa, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente”.

Esse tipo de narrativa leva a criança a pensar, a verbalizar, através da habilidade de contar, de contar-se e perguntar. Gutfreind (2004) fala dessa característica do conto, apontando-o como importante instrumento na clínica, servindo de mediador que irá substituir a agitação da criança por perguntas, reflexões e pensamento (junto ao sentimento).

As histórias clássicas viraram letras de músicas e livros, e assim penetraram na vida das pessoas. Essa penetração possibilitou que as histórias fossem recontadas. E por mais visual e virtual que seja o mundo em que nos encontramos, hoje, as histórias continuam fascinando adultos e crianças.

É assim com o conto de fada, conforme Novaes (1987, p. 46) sinaliza:

Os contos de fadas têm a problemática voltada para a luta do seu Eu, uma realização do seu interior, que está inteiramente ligada a sua vida. Sua trama se desenvolve na trama da magia feérica com presenças de fadas, reis, rainhas e bruxas, gigantes, objetos mágicos, a exemplo: A Bela Adormecida e Rapunzel.

E nesse sentido é que a Literatura infantil e, principalmente, a contação de contos de fadas podem ser decisivos para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo à sua volta. O maniqueísmo que divide as personagens em boas e más, belas e feias, poderosas ou fracas; facilita a criança à compreensão de certos valores básico da conduta humana e do convívio social.

Tal dicotomia se transmitida através de uma linguagem simbólica, e durante a infância, não será prejudicial à formação de sua consciência ética. O que as crianças encontram nos contos de fadas são categorias de valor que, em muitos sentidos, são perenes. Em grande medida, o que muda é o conteúdo rotulado de bom ou mau, certo ou errado.

Conforme entende Abramovich (1993, p.16):

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo.

Diante do exposto, pode se refletir que a contação de histórias é uma janela que se abre para despertar o gosto pela leitura e que, a princípio, o professor tem dentro de si um contador de histórias, apenas precisa

encontrá-lo e aprimorá-lo. Contar histórias é o elo que liga o ouvinte, ou seja, a criança-educando, a outras histórias e, por conseguinte, ao universo da leitura que pode torná-la um leitor proficiente e também um agente multiplicar em seu espaço familiar, educativo e social.

No entanto, para que essa realidade se concretize, pais e professores precisam criar situações das quais as crianças ouçam muitas histórias, proporcionando por meio da oralidade o primeiro contato com a ludicidade do texto, porque ouvir também é uma das múltiplas formas de ler. A contação ou leitura das obras é uma condição essencial para os professores de a educação infantil trabalhar a leitura vinculada ao lúdico com seus educandos.

2.2 Os desafios do docente no desenvolvimento da leitura de contos de fadas em sala de aula

Durante os primeiros anos de vida da criança, são construídos e desenvolvidos maneiras particulares de ser e esquemas de relações com o mundo e com as pessoas. Elas vão construindo suas matrizes de relações a partir de sua interação com o meio: o seu comportamento emocional, individualização do próprio corpo, formação da consciência de si, dentre outros fatores, são processos paralelos e complementares do desenvolvimento da criança, em seus primeiros anos de vida escolar, e é nesta fase que prevalecem os critérios afetivos sobre os lógicos e objetivos.

O ato da fala é inerente ao ser humano, mas o da leitura precisa ser mediado, seja no meio familiar, social, seja no educacional. É nessa fase de aprendizagem que reside o grande desafio do professor: Como desenvolver o processo da leitura nos alunos de forma prazerosa e eficiente? O uso dos contos de fadas podem ser um dos instrumentos que leve a esse aprendizado. Nesse sentido, é pertinente salientar que os contos de fadas giram em torno de uma problemática referente à realização interior, subjetiva do indivíduo.

Daí se explica suas aventuras terem como motivo central o encontro, a união do cavaleiro com a amada (princesa ou plebeia), após vencer grandes obstáculos proporcionados pela maldade de vilão ou pelos problemas e as injustiças sociais. Todavia, não basta somente ler para que a criança seja seduzida por esse tipo de texto, é importante criar estratégias para que isso ocorra:

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam (BETTELHEIM, 1980, p. 13).

Diante da estrutura dos contos de fadas também conseguem deixar fluir o imaginário e levar a criança a ter curiosidade, que logo é respondida, no decorrer dos

contos, com novas e desafiantes curiosidades. Foi uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das possíveis soluções que o ser humano vive e atravessa, de um jeito ou de outro, através dos problemas socioculturais que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelos personagens de cada história. Essa é a importância dos contos de fadas, mas o que venha a ser um conto de fadas?

Sobre essa questão, Aguiar (1990, p. 64) afirma que:

Os contos de fadas mantêm uma estrutura fixa. Partem de um problema vinculado à realidade (como estado de penúria, carência afetiva, conflito entre mãe e filhos), que desequilibra a tranquilidade inicial. O desenvolvimento uma busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos. A restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando há uma volta ao real. Valendo-se desta estrutura, os autores, de um lado, demonstram que aceitam o potencial imaginativo infantil e, de outro, transmitir à criança a ideia de que ela não pode viver indefinidamente no mundo da fantasia, sendo necessário assumir o real, no momento certo.

Segundo Cândido (1980), concebendo-se a literatura como uma expressão genuína da arte e do fazer artístico e identitário, a mesma pode também ser concebida como uma forma de mimetizar o mundo e os conflitos socioafetivos a ele inerentes, sendo capaz de estabelecer com o grupo social receptor forte identificação, visto que reproduz as relações humanas em suas múltiplas faces, ainda que só sob uma estrutura de realismo-fantástico literário. Nessa perspectiva pode ainda ser delineada e utilizada como forma de fantasiamento e eufemização do mundo lógico e real, atribuindo-lhe cunho fantástico e encantado, fora da realidade ortodoxa.

Nesse contexto, temos nos contos de fadas os expoentes literários para abordagem no ensino infantil visto que são eficientes para estabelecer um elo afetivo entre texto e receptor de baixa classificação etária, ou seja, a criança. Com isso, havendo intrínsecos aos seus enredos e sua estética narrativa um apelo que é capaz de envolver o educando pela fantasia e irrealidade bem como - simultânea e progressivamente - imbuí-lo subjetiva e cognitivamente de novos conceitos, impressões, valores, sentimentos, percepções e, sobretudo, consciência e estímulos artístico-literários.

Sobre esse tema, Sousa, França e Barreto (2010, p. 02) expõem:

Seja como forma de conscientização sociopolítico-cultural, como um modo de fantasiar a realidade ou como maneira de provocar a “catarse” de sentimentos, a literatura se mostra como um dos mais qualitativos, bem estruturados e atrativos meios de propagação da arte e do suprimimento de

demandas psicoemocionais, político-socioculturais e cognitivas da população em geral, principalmente se introduzida e incentivada desde a infância.

Sob essa perspectiva há a percepção de que no desenvolver dos contos de fadas, as crianças se utilizam deles para conseguir lidar com problemas reais, enfrentando-os com o universo simbólico infantil e com a inocência de uma criança, cheios de significados, com estrutura compreensível ao universo infantil, histórias envolventes e personagens definidos em suas características pessoais, os contos de fadas atingem a mente das crianças, entretenendo-as e estimulando sua imaginação.

Poucas formas e estruturas literárias têm tanto poder de estímulo a leitura como o que se faz presente nos contos de fadas, como nenhum outro tipo de literatura talvez seja capaz contribuir, de forma eficaz, para a formação e até para a transformação da personalidade dos pequenos leitores/ouvintes, ou seja, a criança, pois, a atenção dos educandos.

Entre as várias metodologias e estratégias de abordagem do texto literário com crianças e que podem ser postas em prática, de alguma forma, de modo viável e objetivo no contexto pedagógico do cotidiano em sala de aula.

Sobre essa questão, destacam-se quatro estratégias de leitura apresentadas e descritas por Sousa, França e Barreto (2010, p. 3-4, **negrito nosso**):

- **Contação**: caracteriza-se pela narração do texto por um dos ministrantes das oficinas literárias de acordo com as palavras de quem o está contando, sem compromisso com as construções linguísticas contidos no texto original, transpondo o texto de uma maneira facilmente compreensível pelos receptores, adequando a obra, por mais complexa que seja, a uma idade desejada. Portadora de uma característica forte de poder incorporar e transpor para o educando uma mensagem prática e simples, e consequentemente mais real.

- **Antecipação**: consiste em antecipar fatos posteriores do texto em que há algum desfecho que está para ser resolvido, sem dar detalhes, provocando assim no leitor o desejo de descobrir como sucedeu o processo que desencadeou naquela ação literária; desenvolvido a partir de perguntas, destacando os extremos, despertando dúvidas e movendo o mundo cognitivo dos ouvintes, detalhando a partir de várias perguntas envolvendo o enredo do texto e suas locomoções actanciais, prévias e posteriores.

- **Problematização**: trata-se de um método que visa suscitar no leitor o interesse pela literatura através do levantamento de questões relativas às possíveis temáticas trazidas pelo texto, relacionando com as vivências, experiências próprias ou do cotidiano social real, instigando dessa forma o educando a refletir criticamente sobre os temas ao mesmo

tempo em que o entretém e o incentiva a ler o escrito. Esse método possibilita a abordagem de temas sociais como: Preconceito, Meio Ambiente, entre outros.

- Leitura dramatizada: consiste na leitura do texto de forma dramática, devendo a pessoa que lê o texto programado “interpretar” oralmente o escrito lido. Desenvolvido a partir de performances.

Mediante a aplicação coordenada, profícua e contextualizada dessas estratégias torna-se possível a aproximação imediata e a interação entre texto e educando, fazendo-o estabelecer conexões entre ele e seu cotidiano e ainda conferir ressignificação à partir da sua leitura de mundo, como expõe Freire (1996) ao enfatizar a importância de uma abordagem educacional onde sejam considerados e discutidos, dentre outros fatores, os saberes intrínsecos aos educandos, em especial os das classes populares, bem como fomenta a reflexão acerca da relação entre tais saberes com o ensino dos conteúdos.

A integração texto-aluno se efetiva pragmaticamente a partir do momento em que o aluno percebe que o texto se comunica, de alguma forma, com ele, com seus valores e sua percepção da realidade. Após consolidada essa relação inicial, há de se estimular a apreciação estética e emocional do texto para só então identificar junto aos educandos suas correspondências com os conteúdos mais formais, tais como: estrutura textual, gramática, semântica e inferências éticas e sociológicas mais objetivas.

Do contrário haverá sempre resistência e muito frequentemente rejeição acentuada a abordagem do texto literário – na escola ou no cotidiano pessoal - haja vista que o didatismo explícito, ou seja, o puro ato de ensinar, sem levar em conta a dimensão simbólica e subjetiva da criança, e sem uma condensação mediada pedagogicamente tende a afastar o estímulo subjetivo e o prazer do ato de ler, uma vez que este didatismo passa de uma prática prazerosa - que entretém e provoca êxtase, emoção e reflexão – para algo mecânico burocrático e até mesmo moralista.

No cotidiano do ensino, para trabalhar o texto literário, sobretudo em se tratando de crianças e dos contos de fadas, torna-se importante a presença do lúdico e da transversalidade na abordagem pedagógica, objetivando, entre outras coisas, despertar a atenção e o encantamento subjetivo e, posteriormente, a apreensão de conceitos curriculares da disciplina.

Nessa perspectiva, estratégias dinâmicas e interacionistas, como, por exemplo, as citadas por Sousa, França e Barreto (2010, p.4):

[...] auxiliam na formação de leitores críticos e profícuos que se utilizam da literatura de forma consistente e regular, configurando-se assim a abrangência cognitiva, podendo ter contato com novos conhecimentos, novas ciências e novas informações que podem ser fator decisivo no desenvolvimento deles enquanto seres humanos e cidadãos. Podem, nesse contexto, vir a se

transformar em agentes de reforma e transformação do ambiente em que vivem, coexistindo todos esses aspectos do processo de leitura com o prazer e o entretenimento ocasionado na prática literária, suscitada e estimulada em sala de aula.

Todo esse processo se efetiva mediante a coordenação de ações que visem uma metodologia alternativa e dinâmica para trabalhar os textos no âmbito da educação infantil, visto ser o gênero literário um dos fatores mais decisivos na constituição cognitiva e subjetiva das crianças e jovens. Sobre essa questão Coelho (1980, p.04), discorre:

Portanto, é ainda o livro a palavra escrita, que estamos atribuindo a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e jovens. Apesar de todos os prognósticos pessimistas e até apocalípticos, acerca do futuro do livro, ou melhor, da literatura, nessa nossa era da imagem e da comunicação instantânea, a verdade é que a palavra literária escrita está mais viva do que nunca. E parece já fora de dúvidas que nenhuma forma de ler o mundo dos homens é tão eficaz e rica quanto a que ela permite (Itálicos da autora).

Subjacente a esses aspectos está o impacto e a recepção da literatura, e dos contos de fada, em especial nas significações, cognição, comunicação e identidade de crianças e jovens, que contribui para a construção da subjetividade e das práticas sociais, posturas e convicções do ser humano adulto, que precisa lidar, dentre outros fatores, com as demandas éticas, políticas, econômicas e existências do mundo contemporâneo.

Quando estimulados proficientemente desde cedo ao ato e o prazer de ler, na literatura e especificamente por meio dos contos de fadas, as crianças encontram eco para seus dilemas, dramas, paixões, percepções e dialogismo internos, uma vazão para transbordar os sentimentos, emoções, desejos e prospecções. Uma catarse subjetiva que, concomitante, instrui, sublima, entretém e conscientiza. Essa é uma das possibilidades de aprendizagem com a utilização do conto de fadas no decorrer da experiência escolar da criança.

3 Considerações finais

Sendo assim o que foi visto neste artigo podemos verificar o quanto as práticas de ensino devem ser agrupamentos de habilidades por parte do educador para um desenvolvimento de uma leitura de um conto de fada. Além disso, o professor deve estar preparado para como aquele conto de fada ele se dirige, bem como as colocações dos educandos, pois é deles que devem ser atribuídas as maiores e melhores atribuições do conto de fada.

Percebemos no decorrer do artigo como é pequeno o interesse pelo desejo de leitura. Em parte, isso deve ocorrer pela própria cultura familiar, pois, muitas vezes,

os pais das crianças não leem. A consequência desse processo é que as crianças também não vão ler, embora em muitas famílias onde não tenha pais leitores as crianças se instruem através da escola, do seu próprio senso de leitura voltado para a aprendizagem, e observamos também que embora em algumas famílias leitoras com crianças que não possuem ânimos algum para o gosto e o prazer pela leitura.

Nesse conteúdo, encontrando também convergências com os métodos e estratégias de suscitação e abordagem da leitura aqui apresentados e diante da crise da leitura, presente no mundo contemporâneo, faz-se necessário rever e questionar as práticas tradicionais de ensino de literatura.

Por fim, afirma-se que, nesse processo de questionamento, de alguma forma, é preciso encontrar espaços para o sonho e a imaginação, é preciso voltar, ao menos simbolicamente, a ser criança e viajar nas asas da imaginação presente nos contos de fadas. Resgatar a tradição de contar histórias, mais uma vez, é uma janela que se abre para despertar o gosto pela leitura nas crianças. Ela nos leva a conhecer os mundos simbólicos existentes no ser humano e na dimensão sociocultural.

4 Referências

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1993.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. **Era uma vez (contos de Grimm)**. Porto Alegre, Kuarup, 1990.
- ALVES, Rubem. O Prazer da Leitura. In: **A arte do voo ou a busca da alegria de aprender**. Porto: Edições Asa, 2004.
- ANZIEU, D. [et al.]. **Psicanálise e linguagem**: do corpo a fala. Tradução Monique Aron Chiarella & Luiza Maria F. Rodrigues. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Editora Nacional, 1980.
- CASHDAN, Sheldon. **Os sete pecados capitais nos contos de fadas**: como os contos de fadas influenciam nossas vidas. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- CEREJA, William Roberto. **Ensino de literatura**: uma proposta para o trabalho com literatura. São Paulo: Atual, 2012.
- COELHO, Nelly Novaes [et al.]. Literatura Infantil, abertura para a formação de uma nova mentalidade. In: **Literatura Infanto-Juvenil**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessárias a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FROMM, Erich. A linguagem esquecida: uma introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1983.
- GUTFREIND, Celso. Contos e desenvolvimento psíquico. In: **Viver Mente & Cérebro**, Ano XIII, n. 142, nov. 2004.
- LAJOLO, M.. **Usos e abusos da literatura na escola**: Bilac e a literatura escolar na república velha. Rio de Janeiro: Globo, 1982.
- LAPLANCHE, Pontalis. **Vocabulário da psicanálise**. 4 ed. Tradução Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LEAHY-DIOS, C.. **Educação literária como metáfora social**: desvios e rumos. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MAGNANI, Maria do Rosário M. **Leitura, literatura e escola**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- NOVAES, Nelly. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987. (Séries Princípios).
- PIAGET, Jean; BARBEL, Inhelder. **A psicologia da criança**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- ROCCO, Maria Thereza Fraga. **Literatura/ensino**: uma problemática. Atiça, 1981.
- SOUSA, Vivianne; FRANÇA, Sandro Alves; BARRETO, Herson. **A abordagem literária no instituto béradêro**: técnicas e estratégias que dinamizaram o processo. III ENLJE, ISSN 2177-6911, 2010.
- WARNER, Marina; Thelma Médici Nobrega. **Da fera à loira**: sobre contos de fadas e seus narradores. Companhia das Letras, 1999.
- ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1991.
- _____; THEODORO, Ezequiel. **Literatura e pedagogia**: ponto e contraponto. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.